

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º*	Semest. 18 n.º**	Trim. 9 n.º**	N.º a entrega
Portugal (franco de porte, m. forje)	36800	18900	6950	5120
Possessões ultramarinas (idem)...	46000	23000	8000	6000
Extrang. (união geral dos correios)	56000	28500	9000	7000

20.º Anno — XX Volume — N.º 680

20 DE NOVEMBRO DE 1897

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Liaboa, L. do Paço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Cactano Alberto da Silva.



## CHRONICA OCCIDENTAL

Annunciaram, ha dias, todos os jornaes que, uma d'estas noites passadas, gosariamos um dos mais bellos espectaculos que podem ser submetidos á nossa admiracão.

A maravilha era nos com generosidade insolita offerecida gratuitamente. A irmandade da Graça que costuma encher os camarotes dos theatros, quando se trata de colher applausos para alguma peça cahida, andava toda ella atarefada.

Nem mais nem menos que uma dança de estrellas!

Não havia cartazes pelas esquinas, porque o empresario d'essas maravilhas tem um completo desprezo pelos reclamos.

Não vão cuidar que se tratava d'essas estrellas choreographicas que uma ou outra vez nos foi dado applaudir, quando nos maravilhavam com suas piruetas no palco de S. Carlos. Não era lá, nem tão pouco no D. Amelia, onde sevillhanas graciosas se meneia o entre applausos no *Certamen Nacional*. Os astros annunciados não tem escola de dança. Desconhecem os requebros graciosos das hespanholas, as cabriolas doidas das francezas, as classicas attitudes das italianas.

Houve tambem quem suppozesse que iam saber as causas da continuada contradança das nossas *divettes*, ás quaes, por se acharem muito gastas, não poremos agora os costumados epithetos, e que afinal iam nos dizer porque foi a Angela de Lisboa para o Porto, porque veio a Cimira do Porto para a Rua dos Condes, porque, chegada do Para, a Mercedes desembarcou no Coliseu.

Nada d'isso. Era uma verdadeira dança de muitas verdadeiras estrellas!

Eram as lindas estrellas do céu, os amores dos poetas, d'essas que correm, illuminando as trevas da noite, e que a tantas comparações se tem tão innocentemente prestado, eram ellas as que, ás mil, haviam, em todas as direcções de sulcar o azul do céu. Aos milhões, aos milhares, scintillantes, amarellas como topasios, vermelhas como rubins, verdes como esmeraldas: por toda a aboboda celeste, haviam de correr pasmando o nosso olhar.

Tinha o annunciado o sr. Borelly, astrónomo conceituadissimo, e o nosso dever era acreditar.

Poz-se o sol, puzeram-se todos de nariz para o ar, á espera que se corresse o panno. Veiu a noite, vieram todos para as janellas. Panno em baixo. Deram oito horas, deu a todos um haque o coração. Era a hora de começarem os espectaculos. As campainhas deram signal em todos os theatros. O panno não se mecheu. Por justos motivos não se annunciou a hora de começar. Talvez se estivesse á espera da Lua! Nada!

Então, para maior desespero, começou calindo um forte aguaceiro. Ensaio geral á porta fechada, disseram todos desconsolados.

Em França, porém, o panno entreabriu-se um nadinha e os astrónomos do Luxemburgo, da torre Eiffel e da Sociedade scientifica, metteram o nariz no palco. Não viram nada. O mesmo succedeu a Camillo Flammarion no observatorio de Inimissy.

O espectáculo deu-se entretanto, mas já quando o sol estava alto no horizonte. E para as gran-

des paradas astronomicas as *matinées* não servem.

Ficou tudo addiado para o dia em que se realisar a grande toirada no Campo Pequeno com os quatro espadas hespanhoes, que vão correndo lebres, á espera que as nuvens lhes deixem correr os toiros.

Os cartazes todos molhados, muito desbotados pela chuva a cantaros, ha semanas que annunciavam a toirada magna. Os contra-annuncios cortam-os em todas as direcções e a chuva não deixa de cahir. Os mais impacientes já dizem: — Ora queira Deus que a gente os veja trabalhar no Domingo de Paschoa!

Sabem quem viu a dança das estrellas? Os americanos.

Ha muito já que toda a gente sabia que as estrellas, desde a Patti e Sarah Benabrá, até á mais pequenina, de ha muito que preferem a America. As estrellas do azul querem agora seguir-lhes o exemplo. Se o Deus Milhão principia a mandar no céu, d'aquí a pouco os pobresinhos não tem para onde appellar.

Abandonada a idea de ver muitos astros ao mesmo tempo exhibindo os prodigiosos trabalhos de equilibrio na vasta campina de saphyra marchetada de botões d'ouro, alguns mais modestos e de bom gosto contentaram-se com um astro de primeira grandera no palco de D. Maria.

Os *Medicos* tiveram um exito incalculado, embora mercedissimo. Consola applaudir o Taborda, e vel-o applaudido, chamado, aclamado, provano que não entrou tanto commosco o mau gosto, que a suprema perfeição na arte de representar simplesmente não seja ainda o que a todos mais commove, levando-os a praticar um acto de justicia para com um excellente velho, que é uma gloria nacional.

E dizia o Taborda, modestamente espantado, ao terminar a primeira recita: — Ainda me aturaram!

Foram noites consecutivas de grande festa. Bem haja a empresa do teatro de D. Maria em nos ter dado a admirar mais uma vez um dos maiores talentos do teatro, n'esta ultima metade do seculo.



VISCONDE DE OLIVEIRA DUARTE

(Cópia de uma photographia do sr. A. Babone)

Chegou depois a vez aos novos. Retirada a comédia os *Médicos*, representou-se, ha dias, o *Abade Constantino* de Ludovic Halévy, que, ha muito, estava retirado de scena.

E' uma comédia muito fina e uma das que mais concorreram para a justissima fama do autor, que, depois de ter começado pela opera burlesca em collaboração com Henri Meillac, veio a assentar-se n'uma das quarenta poltronas da Academia Franceza.

O primeiro acto é delicioso e perfumado. Os outros, mais fracos, vivem d'alguns pormenores encantadores. Toda a peça exige uma primorosa interpretação.

João Rosa cuidou do papel, que requer uma minuciosa observação e uma simplicidade, quasi ingenuidade, que só é attingida pelos artistas verdadeiros. E' um dos seus melhores trabalhos.

Só elle, Carolina Falco e Augusto Antunes conservaram os papeis, que lhes haviam sido distribuidos, ha annos.

Delfina encarregou-se agora de substituir Rosa Damasceno, Bred'ind a saudosa Amelia da Silveira, Anna Pereira a Emilia Candida, Alves o Augusto Rosa, Luiz Pinto o Eugenio de Magalhães e Santos o Ferreira.

Havia portanto alguns confrontos a fazer e a prova era decisiva para os novos artistas encarregados dos papeis.

Não temos senão a louvar a empresa do theatro de D. Maria pela deliberação que tomou. E' assim que deve provar ao publico o aproveitamento de seus discipulos. Não é em peças novas que os novos devem fazer a aprendizagem; é justamente nas peças consagradas, depois de ensaiadas como o foi o *Abade Constantino*.

E' claro que os modernos interpretes nem todos nos fizeram esquecer o entusiasmo com que a comédia de Halévy foi recebida pelo publico, quando, pela primeira vez, se representou em Lisboa; mas se nem Alves nem Delfina podem ter a pretensão de se equipararem em merito artistico com Augusto Rosa e Rosa Damasceno, os espectadores applaudindo-os provaram-lhes o interesse que tem pelos progressos que vão manifestando e que, na comédia agora em scena, de novo e eloquentemente affirmaram.

Se falamos apenas d'estes dois novos e por serem elles os que, forçosamente, mais tinham que temer o confronto, causa muita vez de gravissimas injustiças do publico, quando um artista de ordem inferior tem, de um dia para o outro, que ir substituir um collega adoecido, que, tinha no mesmo papel uma das suas corças.

Seria injustica, falando-se do *Abade Constantino*, não citar o desempenho que Luiz Pinto deu a um papel ingrattissimo.

A peça foi primorosamente ensaiada, minuciosamente e com tempo bastante para que todos se inteirassem do que ali estavam a fazer. O exito foi merecidissimo, partilhando das glorias o ensaiador, director de scena.

Trabalha-se activamente em todos os theatros, que vão preparando seus repertorios, até que chegue a primavera e caia nos escriptorios das empresas o diluvio dos dramas do centenario, glorias portuguezas cantadas em toda a qualidade de verso e prosa.

Alguns haverá de primeira ordem; de dois ou tres se fala já com interesse. Venham elles. Façam-nos vibrar intensamente as fibras das almas desmaiadas; soem, como clarins que nos despertem, as estrophes da epopeia. Isso desejamos.

E, porque falamos em glorias portuguezas, não olvidemos o nome d'esse portuguez que durante tantos annos, fiel servidor da nação, viveu nos sertões d'Africa e, ha pouco, falleceu no posto que escolhera, d'esse trabalhador e sabio, que se chamou José de Anchieta.

João da Camara.

## VISCONDE DE OLIVEIRA DUARTE

No nosso meio musical, cada vez mais pobre de cultores de merito e cada vez mais desprotegido, a figura, sympathica e illustre, do sr. visconde de Oliveira Duarte conserva-se em foco, merecendo justos elogios e sendo alvo de reconfortantes manifestações de apreço, que espontaneamente lhe são tributadas e reconhecidas. O sr. visconde de Oliveira Duarte, além de ser um apaixonado da boa musica, é tambem um dos seus cultores mais distinctos e dos que, com desinteresse, lhe presta serviços relevantes, quer pugnando para que ella seja respeitada, quer em sua honra organisando festas delicadas, que satisfazem os espiritos requintados e de eli-

te. E se o artista-amador é apreciavel, o homem é fidalgo de character e de trato: — justificado, pois é o fervor admirativo pelo virtuose e a consideração pela individualidade.

Desde muito novo, que manifesta a maior disposição para a musica. Essa vocação foi justamente comprehendida por seu pae o sr. Duarte Sergio de Oliveira Duarte — capitalista bem quisto e respeitado — que ministrou a esperança promettedora que apparecia, todos os meios de se tornar uma realidade, brilhante e apreciada. E os melhores mestres de piano, observaram que as suas lições eram aproveitadas e que os progressos do joven artista eram magnificos. Aos dez annos executava já «com firmeza e sufficiente correcção as mais difficeis peças de Herz e Thalberg».

E n'essa idade em que d'ordinario a cabula e os divertimentos inuteis são a preocupação da maioria, o então Ricardo de Oliveira Duarte só se comprazia em passar horas e horas ao piano, ou que o levassem onde havia musica. E esse tempo não foi perdido: apurava-se no gosto e adquiria a technica indispensavel.

O nome da creança andava citado nas Assembléas, como já se tratasse d'um artista feito. Havia razão para tal. Tendo deseseis annos foi convidado para ir tocar na Assembléa Portugueza. O auditorio era dos mais escolhidos — á frente do qual o conde de Farrobo — e a ovação assumiu as proporções d'um triumpho a uma celebridade. O amator entrava festivamente na sympathia do publico competente para apreciar as manifestações artisticas.

E d'ahi por diante, Ricardo d'Oliveira Duarte não se fazia rogado em prestar a sua valiosa cooperação a todas as festas de caridade. D. Luiz assistiu a uma d'ellas e, verdadeiro artista que tambem era, se applaudiu o artista-amador, patenteou que não fora uma cortezia de momento o que o fizera palmar: agradeceu-o com a commenda de S. Thiago, acompanhada d'um elogioso decreto. O pianista tinha feito vibrar a alma dos assistentes e o monarcha premiava o merito.

E tudo isto que, depois de envaidecer, teria feito com que grande numero se julgasse com bagagem sufficiente para ir até fim da vida, gozando da fama adquirida no passado, não contentava o espirito e aspirações do amator, que se tivesse necessidade de ganhar a vida pela arte tinha todos os predicados para o conseguir.

Parte para o estrangeiro. Em Paris, toma lições com o celebre Marmontel e completa o curso de harmonia e contra-ponto. E se no seu paiz era admirado, lá fóra se verifica que o seu valor era real. Toca defronte de Rossini, Verdi, Albani, Ambroise Thomas e fazem-n'o repetir, tres vezes, sonatas de Chopin e Beethoven. E da convivencia com esses eminentes artistas, de quem recebe significativas provas de estima pelas suas qualidades e talento, o amator tira o melhor proveito.

Regressado a Portugal, D. Luiz e D. Fernando convidavam-no bastas vezes para sessões intimas de musica: os tres virtuosos. Entre reis-artistas o amator-artista era querido e o facto é de si tão significativo que escusado se torna frisar-o. Em abril de 1888, a folha official publica a carta de lei agraciando-o com o titulo de visconde de Oliveira Duarte e com as honras de fidalgo cavalleiro da casa real. E de fóra, de Academias musicas, recebe tambem diplomas honrosos.

O tempo correria venturoso para elle, se a perda de entes queridos não viesse entristecel-o e cobrir de crepes a sua alma e affastal-o dos seus prazeres dilectos, tempo antes, compartilhados pela mallograda companheira da sua vida. E o sr. visconde de Oliveira Duarte, modesto e bom, retrahiu — fugindo ao convívio do mundo e entregando-se só á composição de inspirados trechos musicas: Na sua magnifica e formosa vivenda de Palma — sitio quasi desconhecido, mas admiravel, pela quietação, amplitude e variedade dos seus horisontes, para a inspiração d'um poeta —, cultivando as flores, espalrecendo a vista, *in-mente* medita as composições que mais tarde o publico tem tido o prazer de apreciar.

O sr. visconde tem sido um incansavel propagandista do renascimento da musica classica em Portugal. Tendo nos principaes centros de França, Italia e Allemanha estudado os progressos da arte musical, esforça-se para que no nosso paiz sejam seguidos os bons exemplos e respeitadas as boas tradições. E por seu lado, em *matinées* que são um encanto, para os que a ellas assistem, (no numero dos quaes se conta o sr. conselheiro Barros Gomes, verdadeira notabilidade, que, se como homem de estado é justamente conhecido, o devia tambem ser como cultor e entendido nas manifestações superiores da arte), o illus-

tre titular faz com que se preste culto á Musica. Reune, na sua casa da Rua Larga de S. Roque — salas ornamentadas com simplicidade e gosto, e onde se veem retratos do seu compadre Rossini e do zangado mas genial Beethoven — artistas escolhidos e dá inolvidaveis sessões de musica de camara. Que sessões e que festas d'arte!

N'essas sessões os mais distinctos pianistas ou violinistas tem por companheiro na execução o estimado titular, que no piano ou no seu bello harmonium de Mustel confirma uma grande virtuosidade. A sua technica é perfeita e rivalisa com o sentimento e colorido que imprime ao que toca. E para os que sabem alguma coisa de musica será sufficiente dizer-lhes que muitas vezes o temos ouvido acompanhar, de cor, o famoso *quintetto* de Schumann, — peça que pelas difficuldades e extensão assusta os mais eximios mestres no tel-a de executar com o livro na frente!

E o executante emerito é tambem um compositor correcto, inspirado e original, como sobejamente e agradavelmente o publico tem tido occasião de verificar. Devem-se-lhe trechos musicas a que a imprensa se tem referido com elogio. Citaremos: a *marcha funebre* que a banda da guarda municipal tocou acompanhando a procissão do Senhor dos Passos, e que bastaria para dar nome a um artista; a *marcha militar*, admiravel pelo tom marcial; diversos *petits morceaux* executados aqui, e acolá pelos sextetos, que os espectadores applaudem, desconhecendo quem seja a alma artistica que os compoz, suppondo mesmo que seja estrangeira! Recentemente ha que assignalar os bellos *Souvenirs de Palma*, *suite* que tocada pela banda da guarda municipal no coreto d'Avenida, tem despertado vivo interesse e merecido geraes encoimios.

O artista-amador, se não é tão conhecido como o devia ser — e isso talvez por causa da sua modestia — é no entanto estimado, respeitado e apreciado com sympathia, por quem tem tido a honra de o ouvir e pelos que com sua ex.<sup>a</sup> mantem relações de amizade; o character probo, o homem benéfico, distincto esse tambem merece e tem direito á estima geral.

Ahi fica, a largos traços, um esboço do que se tem dito e do muito que deve ser dito sobre o sr. visconde de Oliveira Duarte. A interessante revista *Occidente* quiz na sua galeria prestar homenagem ao eminente homem e sollicitou de mim, gentilmente, algumas palavras que acompanhassem o seu retrato. Ahi as deixo. Só tem o merito de ser sinceras e de traduzirem, pallidamente, a muita estima que folgo em consagrar-lhe como homem e como artista.

José Parreira.

## MANUEL BARRADAS

O valor intellectual d'este nosso bom amigo brilha, com equal intensidade, atravez da dupla face, porque se nos revela a sua sympathica individualidade: como jornalista e escriptor, onde conquistou e mantem um nome muito distincto; e como africanista e funcionario publico, qualidades que lhe tem valido innumeras provas de apreço e respeito. Relativamente ao lado moral, basta-nos citar dois factos que provam a rigidez do seu character: — tem apenas vivido á custa do sue trabalho honrado, e filiou-se n'um partido que está em ostracismo, na propria terra!

É grande o numero de jornaes em que Manuel Barradas tem evidenciado o seu bello talento. Foi redactor do *Diario do Commercio*; depois escreveu nas *Novidades*, jornal fundado por Salvador Marques, Jayme Victor e Henrique Lima; em seguida publicou, sob o pseudonymo de Diogo Cam, no *Commercio de Portugal*, uma bella traducção das *Cartas de uma nihilista*, trabalho que determinou uma enorme venda d'aquella folha, então dirigida por Magalhães Lima e Perry Vidal. Tambem escreveu, no *Jornal do Commercio* uma magnifica critica sob o livro *Hygiene Colonial* e no *Commercio e Industria* uma notavel biographia de Henrique de Brion, pae do brioso official de marinha que todos conhecem. No *Occidente*, de que é collaborador assiduo ha muitos annos, avultam, do nosso biographado, os seus notaveis trabalhos *Contos de hoje* e as *Scenas maritimas* e muitos brilhantes e substanciosos artigos que produziram verdadeira sensação, como aquelles em que tratou do *Ultimatum*, evidenciando, assim, um profundo conhecimento da acção historica da Inglaterra, na nossa Africa, desde 1885 até 1891.

Nas *Novidades*, jornal fundado por Emydio Navarro e Lobo d'Avila, descreveu, com a pericia de um tecnico, todas as installações da *Exposição Industrial, com uma secção agricola e de minas*, facto que provocou uma larga e brilhante discussão scientifica, na parte geologica, em que terçaram armas o *Commercio de Portugal*, Jayme Batalha Reis, que, mesmo de Inglaterra, não deixou de entrar na questão (tão interessante ella era!) além de Leite de Vasconcellos, João Bonança, Ferraz de Macedo, Nobre França e outros nomes de indiscutível prestigio.

Manuel Barradas foi director do *Mundo Literario*, jornal de moços estudiosos que hoje tem nome conhecido — Xavier de Carvalho, Carlos Calisto, etc. Publicou tambem interessantes folhetins maritimos, no genero Celestino Soares, no *Diario de Noticias*. Depois, sendo convidado para a redacção da *Nação*, publicou, n'este decano da imprensa de Lisboa, importantes trabalhos, oriundos do seu robusto talento, aliado ao mais consciencioso estudo, sobre explorações africanas.

Manuel Barradas já publicou tres livros, cuja acceptação sympathica lhe confirmaram os creditos de primoroso escriptor, que já, aliás, possuia, de ha muito: — *O Illustre Dr. Mathews* (tradução de Erckman-Chatrian), personagem considerado o D. Quixote da Sciencia; *O general Gomes Freire e o Infante D. Henrique*.

A segunda d'aquellas obras constitue uma monographia, perfeitamente original, recheada de importantes documentos, até agora desconhecidos.

Manuel Barradas conseguiu, com a sua pena laureada, desenhar, á luz da verdade historica, a heroica figura do grande portuguez, martyrisado pelo odio britânico, obtendo, por isso, os mais lisonjeiros applausos da imprensa, em largos artigos, d'entre os quaes destacaremos a chronica de Gervasio Lobato, no *Occidente*, e a correspondencia de Reis Damaso, no *El Liberal* de Madrid, etc.

Com a appareição do *Infante D. Henrique*, o nosso distincto biographado, ainda adquiriu maior e mais solido renome. Effectivamente, não só os órgãos mais auctorizados do jornalismo portuguez e do estrangeiro se referiram elogiosamente ao erudito auctor, como tambem a Academia Real das Sciencias, e designadamente a Sociedade de Geographia, que lhe dispensou honrosa acceptação, n'uma das suas mais numerosas assembleas geraes, deram eloquentemente de quanto vale a ultima obra de Manuel Barradas. Entretanto, ainda invocaremos outro argumento em reforço da nossa affirmativa: é o facto do ministro da guerra, sr. Pimentel Pinto, não obstante a sua qualidade de adversario politico do auctor do *Infante D. Henrique*, lhe dispensar um justo elogio, em seguida ao que, muito espontaneamente, recommendou o mesmo trabalho, em circular, ás escolas regimentaes.

E' tambem como homem de letras que Manuel Barradas tem regido, com a maior proficiencia, a cadeira de Historia Patria, no *Instituto 19 de Setembro* (a cuja commissão administrativa dignamente preside), e onde fez uma notavel e applaudidissima conferencia, nas salas da mesma sociedade scientifica, sobre os *Acontecimentos de 1828 a 1834*, obtendo uma ruidosa ovação do selecto auditorio, que era composto por mais de duzentas pessoas!...

Manuel Barradas, tendo percorrido o litoral da provincia de Angola, desde o Ambriz até Mossamedes (1877-80) visitou depois outros pontos da mesma provincia, como os concelhos do Dornhe, Egito, etc., adquirindo successivamente uma interessante e valiosa folha de serviços ao paiz.

Perfilhando o lemma do chefe da expedição á provincia de Angola, em 1877-80, Manuel Raphael Gorjão, «o trabalho só tem por limite a saude» — encarregou-se o prestimoso africanista do projecto de dessecacão do pantano de Coringe, em Benguella. Quando terminou tão penoso trabalho, cahiu gravemente doente, com febres palustres, sendo conduzido á metropole, quasi moribundo. Com a justiça que todos conhecemos nos poderes constituídos, foram os brilhantes serviços d'este publicista premiados com a exoneração da commissão a que pertencia, em Angola, porquanto a junta de saude do Ultramar o considerou incapaz de proseguir a sua auspiciosa carreira, nas nossas possessões africanas! Bonito premio!

Devemos ainda acrescentar que o nosso biographado tem sido elogiado, em documentos officiaes, merecê da assiduidade e proficiencia ma-

nifestadas, no desempenho das funções publicas que lhe tem sido confiadas, tanto no continente como no ultramar.

A maneira affectuosa como o nosso biographado é tratado pelos seus superiores hierarchicos prova ainda quanto o distincto funcionario tem trabalhado, em prol do paiz, no interesse do qual arruinou a propria saude.

Manuel Barradas é um dos socios mais estudiosos da Sociedade de Geographia, de cujas secções de *ensino geographico* e de *emigração* faz parte, da qual já foi secretario annual, tendo sido ultimamente eleito vogal da commissão geral de *Paiz e arbitragem*.

No momento em que a crise portugueza avassalla todas as energias, corrompendo os caracteres e dementando as intelligencias, consola ver homens, como Manuel Barradas, firmes no seu posto de combate, inspirando-se nas lições heroicas do passado e assimilando o bem que a corrente moderna tem produzido. No seu ideal fulgem os verdadeiros principios de honestidade e patriotismo, em homenagem aos quaes traçou uma senda sempre correcta; a sua consciencia está tranquilla, no meio d'esta *debacle* que tudo subverte, porque a aspiração de servir a Patria, animada pelo verdadeiro sentimento religioso, só lhe proporcionaram ensejos de praticar o bem. Nos serções do continente negro, nos centros illustrados, onde todos o apreciam com justiça, nas proprias assembleas partidarias, Manuel Barradas é sempre o mesmo homem, com uma franqueza que commove, com uma logica que arrebatá, com uma verve que encanta!

Diante dos defensores de todas as côres politicas, falla Manuel Barradas com a mesma firmeza, e expõe com a mesma facilidade, sem balofas rhetoricas, sempre com a precisão e o vigor de linguagem que caracterisam os verdadeiros pensadores. Pensa o que sente, diz o que pensa; emfim, a coherencia constitue a essencia do seu character e a orientação do seu espirito.

Antonio Cabreira.

## MACAU E OS SEUS HABITANTES

NOVO LIVRO DE BENTO DA FRANÇA

Noticiando o apparecimento d'este livro, saudamos cordealmente o seu illustre auctor e nosso distincto amigo.

Essa saudação não pôde ser mais legitima. *Macau e os seus habitantes* constitue um livro de significativo valor, de verdadeira importancia e de opportuna publicação. De subido valor, porque foi elaborado com amor e consciencia; de notavel importancia, porque além de ser em extremo interessante é deveras util; de opportuna publicação, porque sae a lume n'um momento historico desvanecedor para nós, pois se rememoramos os descobrimentos portuguezes, e, como se sabe, o districto de Macau forma com o de Timor a nossa provincia ultramarina mais oriental, a mais distanciada da mãe patria, a paragem mais longinqua do sitio onde o mar começa e a terra acaba, aquella com que se limita a affirmativa epica do grande cantor de que se mais terra houvera lá chegara.

Accentuemos mais a utilidade e a opportuidade do presente livro. E' decididamente util porque concorre, como o auctor deseja, para que nos familiarisemos com os nossos dominios colonias, elucidando-nos claramente. E' oportuno, porque agora, e mais do que nunca, é de grandissima vantagem ventilar os assumptos ultramarinos, alvitrando planos e ideias.

O sr. Bento da França possui elementos importantissimos para o fazer, como o faz com pleno exito, pois baseou os seus estudos em observações feitas e apontamentos tirados durante cerca de quatro annos de permanencia nas nossas possessões junto da China e da Oceania.

Por outras palavras: dadas essas circumstancias, ao sr. Bento da França corria a obrigação de satisfazer o compromisso moral, deveras levantado, de prestar o seu concurso, a sua actividade intelligente, á resolução do problema colonial.

Não o resolve, mas offerece elementos que o desonram brilhantemente.

Senão vejamos:

Na primeira parte da sua obra, o auctor esboça a historia de Macau, dividindo-a em tres capitulo-

los, nos quaes trata das primeiras relações com os chinas, do começo do estabelecimento até á introdução das alfândegas chinezas, e do estabelecimento d'ellas até á sua destruição.

Na segunda parte, insere numerosos dados geographicos, administrativos e politicos, distribuidos em quatro notaveis capitulos, e cuja enumeração se pôde fazer assim:

Noções chorographicas, acerca da situação, constituição geologica, descripção da cidade de Macau, da gruta de Camões, onde revela raras preciosidades para os camoneanos, noticias referentes á população de Macau, ao clima, aos productos nativos, á arborisação e ao porto. Indicações sobre o commercio e industria, trafico, systema monetario, pesos e medidas, e uma importantissima rezenha de planos a pôr em pratica, cuja realisação seria uma perpetua gloria para o illustre auctor, mórmente dos que se referem á introdução do vapor na industria macaense.

Isto seria um titulo a juntar aos que com respeito ao Japão os portuguezes possuem graças aos elementos da sua civilisação alli introduzidos em seculos passados e que tanto impulsionaram a industria de aquelle progressivo paiz.

Bastaria este capitulo, com todas as suas considerações de alto valor, para grangear ao sr. Bento da França merecidos applausos se entre nós as questões industriaes tivessem sempre o apreço que rara vez tem logrado e agora se suscita.

Quanto á administração, funcionalismo e recursos, são por igual importantes as noticias acerca do pessoal governativo, das suas denominações em chinez, da imprensa, da justiça, defeza e força publica terrestre, estação naval, clero, conventos, hospitaes, quadro do serviço de saude, obras publicas, instrucção, composição dos concelhos, ilha da Lapa, receita e despeza publica, representação em côrtes, ultimo tratado com a China; etc.

A terceira parte é innegavelmente a mais interessante e curiosa de toda a obra. Lê-se com agrado e utilidade, porque illustra, offerecendo como que a photographia da vida chineza e macaista; anima a o estylo proprio da sensação tida e experimentada ante a scena que se descreve. E' isto que dá ao livro o seu grande valor.

Trata-se das racas, usos e costumes dos habitantes de Macau, e, na sua descripção, succedem-se os capitulos, sempre interessantes e curiosos, tratando do typo dos chinas de Macau, do seu vestuario e mais accessorios, da habitação, da alimentação e bebidas, dos usos domesticos e etiquetas, dos casamentos, cultos e actos religiosos, festas annuaes, como a das serpentes, etc.; da medicina chineza, dos fallecimentos e enterros, das superstições, da mulher chineza, da feição do commercio e das industriaes, do tabaco, opio e do jogo, do theatro chinez, das lendas populares, dos mendigos chins; dos estrangeiros em Macau, dos europeus portuguezes, da physionomia dos macaistas e seus vestuarios, vida e habitos, etc.; e por ultimo offerece interessantes exemplos da lingua de Macau.

A quarta parte da obra refere-se ás relações entre Macau e Timor. N'ella segue o sr. Bento da França um processo similhante ao indicado, isto é, descrevendo identicamente, indicando, e offerecendo varias considerações acerca de Timor, dos seus habitantes, etc. etc.

Por esta succinta enumeração, julgamos ter dado ao leitor uma rapida ideia do novo livro *Macau e os seus habitantes*, do qual em outro lugar offerecemos um excerpto, acompanhando as estampas que publicamos a paginas 252 e 253 representando o palacio do governo e o panorama da cidade do Santo Nome de Deus.

Parece-nos, pois, que ficam os nossos leitores perfeitamente habilitados a julgarem um pouco do trabalho de que vimos fallando, e por tantos motivos digno de geral conhecimento.

Esteves Pereira.

## A CIDADE DE MACAU (1)

Depois que deixaram de existir as antigas barreiras da cidade, tem-se esta estendido um pouco mais, conquanto ainda possamos dizer que se circumscrive quasi exclusivamente na area d'antes occupada, dividindo-se em *cidade christã* e *basar* (a parte chineza).

Em consequencia, porém, da área dentro das antigas barreiras não ser sufficiente para a excessiva população chineza, começaram os chins por

(1) Do livro *Macau e os seus habitantes*.

estabelecer cinco povoações rurais (duas a SO, e tres a NE. da cidade christã).

O *basar* é exclusivamente habitado por chinas e fica a O. da fortaleza do Monte, na parte que se liga à aba do outeiro e estende-se até à margem do porto interior, vulgarmente conhecido pela denominação de «rio de Macau».

É cortado por uma intrinidade de ruas estreitas e becos sem saída, que constituem verdadeiros labirintos.

A qualquer hora do dia, grande multidão de chinas percorre estas vias publicas, os quaes no giro dos seus negocios fervilham de todos os lados.

O *basar* é o centro commercial dos chinas em Macau.

É lá que estão estabelecidos os mercados da carne de vacca ou de porco, das aves, do peixe, do arroz, dos legumes, hortaliças fructas, etc.

Para qualquer lado que nos voltemos, encontramos estabelecimentos commerciaes, diversas especies de lojas, officinas, casas de pasto, vendilhões ambulantes, etc.

Estas ruas e casas, comquanto conservem os caracteristicos chinas, têm modernamente melhorado muito, com proveito da salubridade publica e da esthetica.

As enormes lageas primitivas têm sido substituidas por macadam ou calçada a portuguez; desapareceram portanto as fendas no lagedo que punham a descoberto os canos de esgoto.

As casas modernas já têm mais ventilação e luz; a agglomeração de gente é menor, posto que ainda se nos offereça o



MANOEL BARRADAS

(Cópia de uma photographia do sr. Serra)

soez espectáculo da vida em commum com os animais domesticos de varias especies.

Os mercados de peixe e de carne também saíram dos sitios apertados e faltos de ar em que se achavam.

Emfim, desde que o benemerito governador Ferreira do Amaral tomou a peito tornar effectiva a nossa soberania em Macau, tem se trabalhado incessantemente no saneamento e aformoseamento da cidade; e, se mais se não tem logrado fazer, a culpa cabe ao governo da metropole, que lhe está sempre a observar os rendimentos.

No *basar* existe o theatro chinez, que se denomina *auto china*, por ter certa analogia com as antigas composições dramaticas (autos) em que se representava toda a especie de accão seria e burlesca.

Em varios pontos do estabelecimento têm os chinas os seus pagodes, em parte dos quaes habitam os *bonzos* ou sacerdotes chinezes, sendo o culto exercido publicamente em todos.

Vejamos agora quaes são as cinco povoações rurais mais antigas a que nos referimos, para depois nos occuparmos da cidade christã, como lá se lhe chama.

O primeiro d'estes bairros suburbanos fica proximo da fortaleza da Barra, e é por isso denominado povoação da Barra.

O outro acha-se na encosta do outeiro da Penha, onde está levantada a fortaleza do Bom Parto; chama-se povoação do tanque do Mainato.

E aqui que se encontram as mais bonitas vivendas de Macau, chamadas «chácarras».



MACAU — PALACIO DO GOVERNO

(Cópia de uma photographia)



MACAU — CIDADE DO SANTO NOME DE DEUS

(Cópia de uma photographia)

As tres restantes povoações são a do Patane, a de Mon-ghá, e a de S. Lazaro.

A do Patane é de todas cinco a mais importante, já pela industria fabril, já pelo seu commercio, principalmente em madeiras de construcção.

Fica no littoral do porto interior, na especie de cotovello, que a península faz ao formar a enseada da ilha Verde, terminando onde começa a Mong-há.

A povoação de Patane tem hoje tomado tão grande desenvolvimento, são tantos n'ella os estaleiros e estancias de madeiras, que se pôde considerar dividida em tres povoações, a saber: Patane propriamente dita (bairro hoje, a bem dizer urbano), San-kiu e Sa-cong (povoações ruraes e piscatorias).

É entre o Patane e Mong-há que predominam as hortas e as varzeas.

A antiga povoação de S. Lazaro, hoje incorporada na cidade, está na continuacão da parte christã, e é o recinto habitado pelos chins que têm abraçado a nossa religião.

De todas estas povoações a mais insignificante é a do Tanque do Mainato, onde pouca industria e nenhum commercio ha.

Entre o Patane e o Mong-há, povoações que se dilatam até ao istmo, existem diversas hortas, nas quaes se encontram algumas centenas de cabanas humildes e choças, habitadas por agricultores e mendigos.

Grande parte d'essas hortas pertencem a Patane e Mong-há.

Os teguriões a que nos referimos foram-se accumulando em varios pontos, dando azo á formacão de casas e pequenos povoados, que estão agora semeados aqui e ali.

Alora estas povoações ha ainda a notar umas colonias fluctuantes que estacionam no porto interior e principalmente no Patane, em San-kiu, e em Sa-cong.

Existem ali numerosas familias, que habitam em embarcações de maior ou menor lote.

São varios os seus misteres, taes como o de praticos da costa, o de pescadores, etc.; n'este numero incluem-se muitas mulheres (*tancareiras*), que se occupam em conduzir passageiros e mercadorias para bordo dos navios fundeados e para as ilhas circumvizinhas, bem como d'estas e de bordo dos navios para Macau.

A cidade christã propriamente dita abrange a parte mais pittoresca de Macau, pois que, dilatando-se em todo o comprimento da praia Grande, se estende depois por varias encostas, insinuando-se para um lado até á fortaleza do Monte e gruta de Camões, que fica sobranceira ao Patane, ao passo que, para a outra banda, se alastra até á fortaleza da Barra, contornando depois S. Lourenço, o seminario de S. José, Santo Agostinho, e vindo ligar-se á outra parte proximo de S. Domingos, nas abas de S. Paulo do Monte.

D'aquí se depreheende que a área occupada pelo basar, comparada com a da cidade christã, é consideravelmente menor.

A cidade christã tem sido invadida por habitantes chinezes; nos bairros chins é que raro moram christãos.

Além d'isto, na maior parte das casas de moradores portuguezes, ou estrangeiros, ha creados chinezes.

A arteria principal de Macau é a Praia Grande, que se acha povoada de elegantes edificacões de architectura europá, terminando ao nascente por um vasto e luxuriante jardim publico.

O panorama que se disructa de algumas elevações é arrebatador e surprehendente (por exemplo, do pharol da Guia, da Gruta de Camões, ou ainda melhor da Penha).

As habitações dos europeus são de aspecto agradável, ha algumas mesmo notaveis pelo tamanho e bom gosto; quasi todas as da Praia Grande têm os seus jardins e ostentam na fachada da frente grandes varandas ou galerias.

O palacio do governo (antiga habitação dos barões do Cercal) e o actual edificio dos tribunales (ex-palacio do governo) são edificios dignos de especial menção.

O theatro de D. Pedro V, cuja casa tambem contém o club macaense, merece a attenção do viajante, assim como tambem o pequeno mas elegante gremio militar não deve ficar esquecido.

A despeito de todos aquelles de que nos temos occupado, avulta como monumento o hospital de S. Januario.

Por ultimo ha ainda notar: o paço episcopal, o senado, a santa casa da misericordia, o hospital de S. Lazaro, o de S. Raphael, o cemiterio de S. Miguel para os christãos, o dos protestantes, o dos parses, etc.

Na parte da cidade occupada pelos europeus

(nacionais e estrangeiros) e pelos macaistas, contam-se algumas ruas espaçosas e elegantes, predios importantes e de boa apparencia, possuindo bastantes d'elles apraziveis jardins e quintaes.

Nos arrabaldes da cidade encontram-se algumas quintas bem cuidadas, sendo para especialisar a residencia campestre dos governadores, denominada palacio da Flora, que hoje tem habitações e dependencias esmeradamente tratadas.

Occupemo-nos agora dos templos.  
Ha em Macau varias egrejas (todas ellas, — senão sumptuosas, — pelo menos bellas e muito cuidadas). Antes porém, de tudo mais, falemos da frontaria de S. Paulo.

Esta magestosa peça architectonica foi o que se pôde salvar do incendio de 1833, que devastou o sumptuoso templo dos jesuitas.

E toda de granito e de graciosa architectura, e está por tal sorte disposta que se vê de quasi todos os pontos da cidade.

Vem aqui de molde falar da Sé, que é uma das freguezias, citar S. Lourenço, S. Lazaro e Santo Antonio, mencionar o vasto seminario de S. José, a igreja de Santo Agostinho, a de S. Domingos e Santa Clara, não convindo deixar no olvido as ermidas de Nossa Senhora da Guia e da Penha de França.

Antes de pormos ponto n'esta summaria descripção da cidade do Santo Nome de Deus, parece-nos util dar uma idéa do numero de vias publicas existentes na cidade e suburbios, cifra que de certo não anda por menos de 600 a 650 (sendo, pouco mais ou menos, 200 a 250 na cidade christã, 100 a 150 no basar, 85 a 90 no Patane, 80 a 85 no Mong-há, 40 a 45 em S. Lazaro, 15 a 20 no Tanque do Mainato, 25 a 30 na Barra, e as restantes em San-kiu e Sa-cong, etc., etc.).

D'entre as construcções chinezas ha a notar os quatro principaes pagodes, suas pittorescas cercas e mais accessorios, sempre collocados entre penedos e copadas arvores.

Dos principaes pagodes, a que nos vimos referindo, acham-se situados, um no Patane, outro em Mong-há, o terceiro proximo das Portas do Cérco, e o ultimo, que é mais formoso, nas immediações da fortaleza da Barra.

Bento da França.

## NA IBERIA

(FERNANDO E ISABEL)

### III

No momento em que a nacionalidade portugueza foi enfim uma realidade, constituiu tambem para os restantes estados christãos da península um importante ponto de apoio contra o inimigo commum e um auxiliar valiosissimo.

Em mais de um campo de batalha se acharam soldados portuguezes cooperando com exercitos de castelhanos, aragonezes e navarrezes para o triumpho da bandeira da cruz, e importa não olvidar entre as acções mais justamente assignaladas, aquellas que tiveram lugar em Navas de Tolosa, correndo o anno 1212, e no Salado, aos 30 d'outubro de 1340.

Devemos sentir orgulho ao recordar ainda hoje os feitos de gentileza que então se praticaram, e serviram a entretecer de louros immortaes a coroa gloriosa dos nossos reis D. Affonso II e D. Affonso IV, porque a grandeza do triumpho foi igualmente equivalente á gallardia da generosidade portugueza, e a bravura das tropas d'esta pequenina patria causou assombro profundo e mereceu geral applauso.

O dominio mahometano entrara em plena decadencia, e já só resistia no reino de Granada, ao approximar-se o fim do seculo xv.

Convem fazer notar n'este ponto, uma circumstancia de muitissima ponderação, que determinou o estado de cousas irregulares a que deveram os arabes a sua demora longa no tracto occidental da Europa; é que nos reinos christãos derivados mais ou menos do impulso de Pelagio, não houve harmonia completa e ligacão perfeita até ao tempo do casamento dos chamados *reis catholicos*.

Assim como a idéa da conquista da Gallia fez perder outr'ora aos vencedores de Rodrigo, o ensejo favoravel de submeterem os refugiados das Asturias, do mesmo modo, a falta de união entre os principes successores do primeiro monarcha d'aquelles montanhezes, permittiu maior tranquillidade aos proselytos do Alcorão.

Successivas guerras intestinas enfraqueceram

porém, os musulmanos e em breve occuparam estas uma parte minima da Iberia.

Portugal, Castella, Aragão e Navarra partilhavam entre si o territorio restante, e não estava longe a hora em que duas monarchias apenas ficariam subsistindo.

Em 1452, viu a luz da existencia um filho de João II, rei d'Aragão, a quem a Providencia destinára empresa famosa e a mais larga fama.

Foi este, Fernando V, o qual succedeu a seu pae no throno aragonez em 1479.

Em Castella, tinha o sceptro da realeza, Henrique IV, o *impotente*.

Isabel, sua irmã, matrimoniou-se com Fernando em 1469, sendo chamada em 1474 a posse da herança de Henrique, cuja morte livrara os castelhanos d'um governo mau.

Um tal acontecimento logo depois de semelhante enlace, trouxe como consequencia natural a annexação dos dois estados e a unificação das soberanias.

Nenhum motivo sério estorvava d'ora ávante o proseguimento do plano para a expulsão dos ultimos senhores de procedencia arabe, ainda ofuscando pelo seu dominio effectivo e com a sua presença detestada, a nova phase politica que aquelle feliz nonsorcio tinha acabado de encetar.

«Depois de ter subjugado toda a parte occidental do reino de Granada, escreve um historiador, Fernando teve mais do que nunca o desejo e a esperanza de possuil-o inteiramente. Para o conseguir, dois partidos se lhe offerciam: atacar immediatamente a capital, cuja queda podia arrastar a das demais cidades, ou apoderar-se d'estas primeiramente e rematar as suas conquistas pela tomada de Granada. Escolheu o ultimo; aconselhava o a politica nas circumstancias particulares em que se achavam os mouros».

Na primavera de 1491, reuniu Fernando um exercito de 40.000 infantis e 10.000 cavallos, á distancia de duas leguas da celebre capital, assumindo pessoalmente o seu commando.

Se o ultimo rei mouro e os seus generaes tivessem podido ler o livro mysterioso dos destinos humanos, certamente haveriam evitado o desfecho tremendo d'aquella lucta de seculos, restituindo a prêsã a quem invocava com razão direitos tradicionaes, e poupando milhares de vidas aos soldados que a defendiam.

Os arcanos do futuro não podem todavia, ser deavassados pela intelligencia da creatura racional, e é mister ceder a corrente dos acontecimentos não previstos e á crise das conjuncturas não calculadas.

Abu-Abdala encontrou dedicações valiosas e esforço heroico para jogar a derradeira cartada na partida final, o que porém, já não existia no seu animo, nem do valente Muza, nem no de nenhum dos seus officiaes mais dilectos, era o ardor fanatico dos primeiros tempos do Alcorão e a convicção intima dos companheiros do propheta da Arabia.

No exercito de Fernando e Isabel contava-se Gonçalo de Cordova, guerreiro notavel, conhecido na historia pelo titulo significativo de *grande capitão*.

A sua espada fulminante deveram os *reis catholicos*, em grande parte o seu triumpho definitivo; Granada não pôde resistir ás investidas impetuozas e ás perdas soffridas nos combates frequentes, e viu se obrigada a render-se.

Os monarchas victoriosos realisaram a sua entrada na desmantelada cidade, no correr do anno 1492, e o desthronado mouro largou derramando lagrimas, um lugar em que se vira aclamado, e recebera honras brillhantes agora perdidas para sempre.

Conta-se que a sultana Zoraya exclamára ao vêr chorar Abu-Abdala: «Chora, chora como uma mulher a perda do teu reino, visto que não soubeste defendel-o como um homem».

Assim fechou o cyclo de dominio arabe na península iberica, onde novamente tomou alento salutar a crença redemptora, sellada pelo martyr divino no lenho ignominioso do Calvario.

Alguns annos após a tomada de Granada, em 1512, foi incluída a Navarra hespanhola na monarchia de Fernando, e d'este modo, constituida no seu pleno arredondamento a illustre nação visinha da nossa.

Este solo uberrimo e abençoado em que o imperio godo desabára com estrondo aos golpes fúndos d'uma invasão de gente singular, achára ao cabo de 781 annos a sua feição primitiva, não obstante ter sido substituída a antiga unidade politica da epoca de Rodrigo, por uma dualidade de estados.

Portugal era a innovação, não tão extraordinaria, que seja impossivel explicar a origem da propria palavra.

Vem este nome da povoação *Portucala*, na margem do rio Douro em frente da cidade invicta.

Por ultimo, cumpre lembrar, que foi no inolvidavel anno de 1492, que o genovez Christovão Colombo descobriu para Hespanha o mundo americano.

D. Francisco de Noronha.

## FORMOSURA PORTUGUEZA

Canto histórico do tempo dos francezes

(Continuado do numero anterior)

### VII

Passou se um anno. Estava-se em 1809.

As tropas francezas, que permaneciam em Hespanha, as ordens do general Soult, duque da Dalmacia, invadiam novamente Portugal, passando a fronteira na provincia de Traz os Montes, e entrando no Porto, a 29 de março.

Novamente repelidas pelas armas aliadas, dura mais excellentemente disciplinadas por Beresford e as ordens d'este e de Wellesley, que acabara de chegar, nomeado pela Inglaterra general chefe do exercito de Portugal, dois mēzes depois, os francezes eram expulsos para alem da fronteira, com sensível deslustre para as hostes mal unidas de Napoleão.

A hecatombe, que recorda o terrivel successo da ponte fronteira a Villa Nova de Gaia, ponte feita de barcaças, que, pelos alcapões abertos, precipitaram no rio milhares de portuguezes fugitivos, é o maior e mais horroroso acontecimento dessa época.

Ao regressar da península, um anno antes, o major Juvat fora licenciado por algum tempo, e recolheu-se ao seio da familia, onde se restabeleceu completamente dos seus ferimentos.

Apagadas as primeiras impressões do regresso, começaram a pungir-o saudades de Luiza, apesar das noticias, que esta e a prioriza lhe davam frequentemente.

Tranquilisavam-no apénas os admiraveis progressos da formosa portugueza e a esperança risonha de uma felicidade futura, que della é só della esperava.

A inquietação porém e uma vaga tristēza mal disfarçada denunciaram-no á mãe, que viu desde logo que nos sentimentos do filho houvera alteração e alguns pontos, que elle lhe ocultava de ha muito.

Desasocegoou-se por sua vèz a bõa senhora, e interrogou-o carinhosamente, recebendo a principio algumas frases de evasiva e por fim a plena confissão do que tanto desejava saber.

Esta confissão aterrou-a, visto que as alianças da familia se faziam sempre entre eguaes; e contou desde logo com a opposição turbulenta e intransigente do marido, que em pontos de limpēza de sangue não admitia controvérsia, e que de ha muito planeava para o filho um casamento fidalgo e dinheiroso com uma sua sobrinha em segundo grau.

E affligiu se a pobre mãe, sobresaltando-se pela sorte do filho, a quem, verdade verdade, criticou á levēza do procedimento, que, no seu entender, só as verduras de um rapaz leviano podiam desculpar.

E acrescentou:

—O que me admira é a acquiescência de tua tia a semelhante modo de proceder. Não estou em mim, Deus do céu!

—Mas, minha mãe...

—Uma mulher adventicia, que ninguém conhece... uma personagem enigmática, duvidosa, que só Deus sabe o que poderá ter sido...

—Uma criança, minha mãe, tão pura como formosa...

—Uma rapariga de baixa condição, uma...

—Um coração de anjo e uma mulher de rara intelligencia. Nada quero saber do seu passado. A sua vida começa para mim na educanda do convento de Hoyos, considerada por mim como orfã, que eu amo, e que amanhã será uma notabilissima e adoravel senhora.

—Nobilitada por ti e só por ti. Tu estás louco, filho.

—Não estou louco, minha bõa mãe; e tenho esperança de que ainda a hei-de vèr nos seus braços, como filha amantissima, a receber o seu carinho.

—Poderá sêr. Creio porém que...

—Verá um dia se eu tenho razão. Quando vir aquelle anjo...

— Cala-te, meu valdevinos.

Estas palavras, já foram ditas a sorrir, sob o imperio do seu grande affecto,

E a mãe de Juvat, continuando a sorrir-se ás caricias do filho, foi cedendo a pouco e pouco, quedando-se mais tranquilla, e quasi resolvida a indultar-o a elle, que a cobria de rogos e blandicias. Cõisas estas, a que não podia, nem sabia resistir.

Por descargo da consciencia porém e para sondar o terreno de uma luta, esperada como certa, declarou ao marido, nos melhores termos possiveis e menos irritantes, todo o acontecido, e afrontou pacientemente a explosão geniosa, que se não demorou.

O barão de Juvat, pae do moço major, trovejou larga e rijamente, e descendo por fim das alturas da sua ira, concluiu:

—E' uma extravagancia de pateta; ora eu lhe porei termo ás demasias amorias. Deixa-o por minha conta.

— Lembra-te de que tambem foste rapaz...

— Pois sim, sim. Uma rapaziada tolera-se; agora um enxovalho de familia... e de uma familia, como a nossa, isso...

E o barão chamou o filho á sua presença, alçou-o de petulante e desassissado, declarou-lhe terminantemente que não lhe tornaria a dar dinheiro, que pudesse fornecer meçadas ao convento de Hoyos, e que não voltaria ás campanhas da península, continuando a sua carreira militar na Italia, para onde ia partir com brevidade.

Era uma sentença sem apelação.

De facto, o barão de Juvat, que desfructava uma certa influencia entre os caudillos de Napoleão, conseguiu rapidamente que o filho fosse incorporado a guarnição d'aquella paiz, para onde o nosso heroe teve que partir sem demora.

E d'aqui se deprehende a razão por que o apaixonado de Luiza, apesar das suas saudades e supplicas, não conseguiu fazer parte da expedição, que, de novo e pela segunda vez, ia invadir Portugal, ás ordens do general Soult.

— Se não fora a necessidade de esperar o termo da educação de Luiza, que eu desejo senhora de muitas prendas e illustração, desertaria desde já — escrevia elle num trecho da carta, em que participava á tia o seu novo destino.

E á educanda dizia:

— Não posso ir vèl-a tão cedo, como eu desejava. Conforme-se com isso, minha boa Luiza; continue a seguir a brilhante carreira da sua educação, desasombradamente e de animo leve, porque no final desta ausencia e dos seus trabalhos, eu antevejo a ventura, uma grande ventura, de que um dia lhe falarei largamente.

Na semana anterior, o barão de Juvat dirigira a sua irmã, abadessa do convento de Hoyos, uma larga e asperrima missiva, que concluia por lhe dizer que cercaria ao filho os meios necessários para a continuação de qualquer mezada.

— Eu não preciso do dinheiro de meu irmão para uma coisa tão simples, como é a educação de Luiza, que ha de seguir o caminho já traçado por mim — afirmou a altiva religiosa, amarrando o papel nas mãos.

E sorriu-se depois, já sem contrariedade.

— Tenho o meu soldo, tia; pode contar com elle — escrevia por seu turno o sobrinho.

— Não preciso tambem de teu soldo — respondeu a generosa senhora. — Fica descansado, e cumpre o teu dever. pois que ainda te não perdoei a referencia a uma deserção. Um membro qualquer da nossa familia, um Juvat, ainda que morra, não se deshonra nunca! E entende-o assim de uma vèz para sempre, e não deixes de o cumprir.

— Entendo-o, como disse, e não deixarei de o cumprir, minha bõa tia. Desculpe o que em mim foi um simples desabafo — respondeu o sobrinho.

Entretanto uma perigosa doença atacava o barão de Juvat, retinha-o por algumas semanas em doloroso sofrimento, e matava-o.

O filho, que a esse tempo estava em Italia, requeria um novo e pequeno licenciamento, a pedido da mãe, e vinha colocar-se á frente dos embarços resultantes da morte de seu pae, a quem pranteou sinceramente, esquecida a dissidencia, que entre ambos se estabelecera.

E na regularisação dos negócios domesticos se passou algum tempo, sem que o moço militar pudesse, como ardentemente desejava, dar uma rápida chegada á Hespanha, onde deixara o coração.

### VIII

Ao tempo, em que Juvat, terminados os negocios de sua casa, de cuja administração se encarregou sua mãe, conseguia transferencia dos exercitos de Italia, começava a falar-se na terceira in-

vasão a Portugal, visto que os francezes estavam senhores de quasi toda a Hespanha.

Era isto no começo de abril de 1810.

D'ahi o empenhar-se para fazer parte d'essa expedição; o que conseguiu facilmente, em razão das excellentes notas, que lhe acompanhavam a carreira, e lhe conquistavam rápida subida de postos.

Na sua transferencia foi galardoado com a patente de tenente-coronel, e já n'esta posição, invejavel na sua idade, recebeu a 3 de maio seguinte ordem ministerial em Paris de partir immediatamente para o exercito de Portugal, que ia sêr invadido ás ordens do general Massena.

Wellesley, já então lord Wellington, cujas tropas se haviam conservado sempre em Portugal, reorganisava-as, e preparava-se para a luta, tanto de temer, pois que Napoleão concentrava as suas forças em Hespanha, onde o povo, entregue tambem aos seus proprios recursos, as não deixava, felizmente, em muito bom socêgo.

Ao chefe inglêz preocupavam n'õ sempre as linhas de Torres Vedras, onde concentrou o melhor dos seus cuidados, e para onde as peças de artilharia eram conduzidas por gente portugueza, com grandes difficuldades, em pequenos carros puxados a bóis.

Massena, principe de Essling, não aceitara de bõa vontade o commando principal, não só porque desejava descansar, como por desacôrdo entre os seus immediatos, Ney, Reymier e Junot, que commandavam os três corpos do exercito invasor.

Ney, que já era marechal, um ambicioso inquieto, aspirava ao mando suprêmo, e não se resignava de bõa mente a uma posição secundaria; Junot, um insubordinado e vaidoso, que já exercera no nosso paiz o primeiro posto, quasi um reinado, difficilmente tambem se sujeitava ás ordens de outrem.

Estes antagonismos e esta grande irritação de vaidades influram bastante, força é confessal-o, nos destinos do exercito francez.

O cerco de Ciudad Rodrigo ia entretêl-o até agosto, mēz, em que Almeida seria invadida.

Wellington e Bóresford na Beira e o general Hill no Alemtejo esperavam os acontecimentos, e escramuçavam, ao de leve, á espera da onda.

Não foi precisa tamanha espera; no começo de junho, Massena tomava Ciudad Rodrigo, e em seguida assediava Almeida; e a 24 de julho passava a fronteira, tendo que haver-se com a ligeira divisão do general Crassford.

Retrocedamos porém, e tomemos o fio cortado d'esta resumida mas veridica narrativa.

Na mesma data, 3 de maio, á noite, e na mesma cidade de Paris, em que se ordenava ao tenente coronel Juvat que se recolhesse ao exercito de Portugal, era dada igual ordem a Manuel Ignacio Martins Pamplona, general portuguez, que seguia o partido dos francezes.<sup>1</sup>

O desnorteamento politico e administrativo, pela ausencia da corte e pelo enfraquecimento dos dirigentes, apesar das duas recentes invasões, cujo triumpho seria a perda absoluta da nossa independencia, era de tal monta, que levou, alem do general Pamplona, muitos portuguezes illustres a bandearem-se com os inimigos da sua patria, como se fora gente louca ou pelo menos desvaizada.

Pobre patria! O que os inimigos francezes te não levavam á força, comiam-t'õ os amigos inglêzes, á vontade, como queriam, porque de tuas portas a dentro o pudor patriótico não chegava para todos os teus degenerados filhos!

D'esta raça ficaram sementes fecundas, transformadas em camilões insaciaveis, que ainda hoje prometem levar á espinha o descarnado erário da nossa parca moeda e do nosso fraco brio nacional.

O proprio Pamplona no *diario*, abaixo citado, confirma a nossa opinião, quanto á qualidade de muitos portuguezes degenerados.

A deputação portugueza, enviada a França, a parlamentar com Napoleão, era, nada mais nem menos, a seguinte:

- D. Francisco de Lemos, bispo de Coimbra.  
D. José Maria de Mello, bispo inquisidor geral.  
D. José de Almeida, prior-mor de Avis.  
Fernando Telles da Silva Caminha e Menezes, marquez de Penalva.  
D. Pedro José Joaquim Vito de Menezes Coutinho, marquez de Marialva.  
D. José Bernardino de Portugal e Castro, marquez de Valença.

<sup>1</sup> *Episódios da terceira invasão* — *Diario do mesmo general*, publicado pelo devotado bibliógrafo, Sr. A. Fernandes Thomas, em 1896.

D. Pedro Lencastre da Silveira Castello Branco  
 Sá e Menezes, marquez de Abrantes (pai).  
 D. José da Piedade e Lencastre, marquez de  
 Abrantes (filho).  
 D. Manuel de Assis Mascarenhas Castello Branco  
 da Costa Lencastre, conde do Sabugal.  
 Luiz Antonio Furtado de Castro do Rio de Men-  
 donça e Faro, visconde de Barbacena.  
 D. Nuno Caetano Alvares Pereira de Mello.  
 D. Lourenço de Lima.  
 Joaquim Alberto Jorge, desembargador e vereador  
 do senado.  
 Antonio Thomaz da Silva Leitão, idem. ?

Estas campanudas personagens iam tão fortes  
 de bom senso e meios que o Pamplona, na sua  
 chegada a Bordeaux, expressa-se a respeito d'ellas  
 da seguinte bella maneira:

«Vi os compatriotas, parte da deputação portu-  
 guêza, que ali tinha ficado por falta de meios  
 de ir a Paris.

«O marquez de Penalva pareceu-me descendo  
 de juizo e da sua graça natural; e o bispo de  
 Coimbra pareceu-me de cabeça enfraquecida».

Quer dizer, Portugal e portuguezes, a parte a  
 pleiade de bravos, que hincravam superior-  
 mente com as tropas ingliezas, eram um agulheiro  
 de decrepitos, de desassosados e poltrões a boiar,  
 desnorreadamente, a mercê das ondas da corrup-  
 ção e da inercia, que prometiam a terceira inva-  
 são um excellento exito, se não fora a legião dos  
 ingliezes, tão funestos como os francezes ao bem-  
 estar e a economia do paiz, que devastavam bar-  
 baramente, a titulo de estrategia militar.

Em verdade, causa verdadeira repugnancia que,  
 ao lado de Pamplona, se encontrassem muitos  
 officiaes portuguezes a assistir as carnificinas  
 monstruosas de umas tropas de canibaes.

Foi por isso e pela desvirtuadôra causa, a que  
 se votara, que Pamplona, apesar da sua justifica-  
 ção publicada em Paris, na qual avultavam os ser-  
 viços, que prestara a Coimbra, não a deixando  
 roubar nem assolar, quando Massena o nomeou  
 governador d'ella; foi por esse antipatico motivo  
 que a sua memoria não ficou completamente es-  
 creita.

Alludindo aos portuguezes poltrões e degenera-  
 dados, lá dizia a musa popular n'uma cantiga da  
 época:

O Jinó mail-o Manêta  
 Diz que Portugal é seu;  
 E' o diabo para elle  
 E mais para quem l'o deu.

E satirizando a penuria das tropas francezas,  
 que não tinham recursos proprios, acrescentava:

O Jinó mail-o Manêta  
 Andam em famaliação,  
 Ao rebusco do centeio  
 Que na França não ha pão.

O periodo das invasões francezas em Portugal  
 lembra as selvagens hecatombes dos povos bar-  
 baros da antiguidade. Por um lado, a soldadesca  
 dos aliados, destruindo celeiros e estragando vi-  
 veres, desmoronando pontes e viaductos e incen-  
 dando villas e aldeias; pelo outro lado os inimi-  
 gos assassinando gente inerte, por toda a parte,  
 profanando egrejas, roubando alfaias de valor e  
 objectos de arte, e levando adiante de si, a ferro  
 e fogo, uma devastação inacreditavel, sem res-  
 peito nem escrupulos de especie alguma; e por  
 ultimo o bandeamento de alguns portuguezes  
 com os inimigos da patria — constituíam um as-  
 sombro de desventura, uma tremenda desgraça.

(Continua)

Sanchez de Frias.



## REVISTA POLITICA

Assim como o verão alongou mais este anno a  
 sua permanencia n'este recanto da Península, as-  
 sim eu alonguei a minha ausencia da capital a re-  
 parar a saude abalada, entre os pinheirões e entre  
 as vinhas, muito mais saudaveis que os *Edens-  
 Concertos* de S. Pedro de Aleantara e as axalações  
 do Aterro.

Além d'isto a falta não era sensivel apesar do  
 alguns bilhetinhos postaes, a perguntarem pela re-  
 vista politica, que me chegaram ás mãos, mas a  
 que só tarde podia responder, preferindo guardar  
 para agora os meus agradecimentos.

\* O citado episcopo.

Confesso que cada vez me vejo mais embaraça-  
 do para escrever esta revista, pelo receio que  
 me acompanha de reproduzir as apreciações que  
 aqui tenho feito sobre a marcha da politica portu-  
 guêza, e receio, porque a marcha é a mesma, os  
 processos administrativos identicos, o ideal a bar-  
 riga.

Governo velho, governo novo; novas eleições,  
 sempre velhas nas manhas e nos processos; novas  
 reformas para admittir novos empregados amigos  
 e favorecer os que já lá estão; e a coroar isto tudo  
 empréstimos, sempre empréstimos e mais empré-  
 stimos!

E como quem nada deve e pôde a vontade dis-  
 pôr do que é seu, deu a mania a este bom povo para  
 se divertir, e então festas e mais festas, officiaes, par-  
 ticulares, de todos os modos, porque a imaginação  
 popular, que alguma coisa ha de produzir, é fecun-  
 da em inventar festas a proposito de tudo para to-  
 dos andarem sempre divertidos.

Quando os ares se turvam mais, porque se pen-  
 se em pouquinho a serio sobre a situação do paiz,  
 não ha nada para dissipar as nuvens e esquecer o  
 perigo como uma festa publica, e enquanto os fo-  
 guetes estoiram, os tronbones roncam e as bandeiras  
 e luminarias alegrem as vistas do povo, pôdem  
 os governos a vontade desequilibrar os orçamentos  
 do Estado, que o povo importa-se tanto com isso  
 como com a neve que chover ha com annos.

Se até a falida administração estrangeira pare-  
 ce não lhe dar abalo, com tanto que tudo continue  
 da mesma maneira.

O que vale é lá por fora pensar-se mais a serio  
 do que vai cá por casa, e assim, ainda que as me-  
 didas de fazenda, quer dizer, os oito empréstimos  
 projectados pelo sr. ministro da fazenda, não tives-  
 sem naufragado no parlamento, encalhavam nos  
 baixos da agiotagem estrangeira que se deu as  
 mãos para não nos emprestar nem mais um ceitil.

Haia alguém com juizo, mercê de Deus, e já que  
 em Portugal elle anda tão alto da cabeça, que ao  
 menos os estrangeiros tenham consciencia para  
 com este perulário e não ajudem a cavar mais  
 funda a ruina.

N'estas circumstancias, quem nos emprestar di-  
 nheiro é nosso inimigo, porque vale mais restrin-  
 gir nos a prata da casa e procurar com maior ou  
 menor sacrificio limitar as despesas ás receitas, do  
 que sujeitarmo-nos á administração estrangeira,  
 que sempre será mais dura e menos humana do  
 que a rigorosa administração portugueza.

Para os grandes males os grandes remedios, mas  
 é preferivel, por todos os motivos, que o remedio  
 seja caseiro.

No momento em que o orçamento da despesa se  
 restringe ao orçamento da receita (e não se diga  
 que esta não tem crescido nos ultimos annos) ter-  
 se-ha conjurado metade do mal: o resto desappa-  
 recerá com o tempo, porque a Portugal não faltam  
 recursos se souber aproveitar as suas forças, os ele-  
 mentos de riqueza que possui, sem pedir nada a  
 ninguém.

Infelizmente o actual governo tem descurado a  
 situação economica do paiz, não fazendo nada para  
 debellar a crise.

Em compensação tem-o preocupado demasiada-  
 mente a politica de campanário, e oí-o ahí ainda  
 ás voltas com as divições administrativas e comar-  
 cãs, com que espera salvar a patria!

Que lhe preste. Quem não tem que fazer, faz co-  
 lheres, diz o proloquio popular, e então o sr. José  
 Luciano com as suas velhas baldas, achou o momen-  
 to mais azado para preparar votos.

Depois de nove meses de nascimento, o tempo  
 preciso para principiar a andar ou pelo menos fa-  
 zer *ten-ten*, começou a desmembrar-se o ministerio  
 pela sahida do sr. conselheiro Mathias de Carva-  
 lho da pasta dos estrangeiros, do qual bem se pode  
 dizer que sahio de palmito e rapella para não dar  
 que fallar ás linguas do mundo.

Ninguém o poderá censurar pelo que fez.  
 Esta sahida deu logar a um *travesser* do sr. conse-  
 lheiro Barros Gomes do ministerio da marinha para  
 o ministerio dos estrangeiros e um *ca-avant un* para  
 a pasta da marinha do sr. conselheiro Dias Costa,  
 que n'esse dia, seguindo-me affirmaram, estreou  
 um chapéu de côco da Chapellaria Popular.

O sr. conselheiro Francisco Felisberto Dias Costa  
 é novo em folha para ministro, e como parlamen-  
 tar a sua entrada na camara data de 1889, em que  
 foi eleito por Arouca, o que se repete em todas as  
 legislaturas, á excepção da de 1890, em que o parti-  
 do progressista se absteve de ir á urna. Esta rap-  
 ida carreira politica define o homem. A sua tena-  
 cidade e actividade alliadas ao estudo persistentes  
 e serio conquistaram-lhe a posição que hoje ocu-  
 pa.

De simples aspirante de cavallaria passou, pelo  
 seu estudo e trabalho incessante, a capitão de en-



CONSELHEIRO FRANCISCO FELISBERTO  
 DIAS COSTA

NOVO MINISTRO DA MARINHA

geheiros e d'ahi a professor da Escola do Exer-  
 cito e do Instituto Industrial por concursos brilhan-  
 tes.

No parlamento distinguio-se pelos seus discurs-  
 os e trabalhos sobre administração, conquistando  
 o primeiro logar no seu partido e a pasta de  
 ministro de que tomou agora conta.

Eis o que de mais novo ha a dar n'esta revista.  
 Um ministro de menos e outro de mais.  
 O resto ficará para a primeira.

João Verdadeiro.



Recebemos e agradecemos:

*Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa fundada em 1875 — 15.ª serie — N.º 10, 11 e 12.*

Estes numeros do apreciado boletim da impor-  
 tante aggregração contem os seguintes traba-  
 lhos de cujo valor mais opportunas referencias  
 se tem publicado e as quaes nós perfilhamos  
 completamente.

*Mitras Lusitanas no Oriente* por Casimiro  
 Christovão de Nazareth, continuação e conclusão  
 de tão importante trabalho, fructo de aturadas in-  
 vestigações; catalogo do *Museu colonial e etno-  
 graphico* da Sociedade de Geographia, exclusiva-  
 mente da collecção Henrique de Carvalho; *Sur  
 la geometrie des courbes transcendentes, memoi-  
 res originaux*, por Antonio Cabreira.

*El Socialismo y la caridade cristiana* por Jose  
 Maria González de Echavari (Doctor Gov). Lo-  
 groño—1897.

Esta memoria obteve o segundo premio nos  
*Juegos Florales do Ateneo*, de Victoria, em agosto  
 de 1895, e é original do advogado inspector do  
 sello da provincia de Logroño e ex-director de  
 varias publicações catholicas, etc. J. M. Echavari  
 y Vivanes.

E' trabalho de valor e interesse.

## Almanach Illustrado do «Occidente» Para 1898

Está a publico este interessante annuario pro-  
 fusamente illustrado e com primorosa collabora-  
 ção litteraria.

A capa é um lindo chromo representando o  
 «Adamastor». Preço 200 reis, pelo correio 220 reis,  
 cartonado 300 reis.

A venda em todas as livrarias e na EMEREA DO  
 «OCCIDENTE» — Largo do Poço Novo — LISBOA.

Reservados todos os direitos de proprie-  
 dade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Laureiro, 25 a 39